

VALORIZAÇÃO DO TRABALHO NO CAMPO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA), NO ASPECTO DA AGRICULTURA FAMILIAR.

Aluna: Simone Cardoso Coelho;

Orientadora: Elsi do Rocio Cardoso Alano

RESUMO

Conhecendo a realidade de uma profissional que atende jovens e adultos no Ensino Fundamental na localidade de difícil acesso (colônia), a mesma percebendo as dificuldades de seus alunos e preocupada em formar indivíduos como cidadãos dando a eles condições de serem pessoas ativas na sociedade, interagindo em nível de igualdade, capazes de compreenderem e resolverem problemas e necessidades do meio em que vivem, sentiu-se responsável em adaptar a aprendizagem dos alunos à vivência cotidiana, bem como a valorização do seu trabalho e dos produtos do mesmo. Desta iniciativa surgiram várias oportunidades da valorização da comunidade, com parcerias e incentivos que ajudam no crescimento do projeto. Não podemos esquecer que com esta iniciativa, a valorização do trabalho no campo, vem também reconhecimento do homem do campo como agente transformador do meio em que vive e gerador de conhecimento cultural, criando oportunidades e condições de atender as necessidades da sociedade ao seu redor. Este artigo traz as formas como este grupo em estudo modificou a consciência do trabalhador do campo.

Palavras-chave: EJA; interdisciplinaridade; agricultura familiar

INTRODUÇÃO

A idéia de documentar e estudar o tema jovens e adultos no campo ocorreu no intuito de reavivar uma antiga experiência vivida no início de minha carreira como educadora, com toda a vivência que obtive percebi que o professor do campo tem muito autonomia no seu espaço, podendo adaptar ao seu trabalho às experiências que os alunos possuem, sua família, convivências, estas ações geram uma empatia: dar e receber, foi muito gratificante, pois aprendi obtendo experiências que marcaram e fortaleceram-me na minha carreira como educadora, tanto que hoje tenho esta oportunidade de expor a grande necessidade que o homem do campo tem de expressar experiências e vivências culturais, na forma escrita e na forma oral; pelo fato de serem extremamente introvertidos e não receberem a devida valorização, de forma não serem devidamente reconhecidos, pois são pessoas que aceitavam situações impostas pela sociedade industrial. Hoje em dia a educação tem conhecimento das leis e direitos, também a importância do homem do campo, a partir deste, o mesmo começou a ser ouvido e atendido, a lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional diz que

“A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais[...] A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e a prática social [...](LDB /1996: 4. art. 1º par. 2º)”.

Percebi como o trabalho e a vida do homem do campo influência em todo o seu processo de aprendizagem formal, e seu esforço de conciliar a educação e a labuta no campo, esta luta é grande e precisa ser valorizado por isso cito os seguintes objetivos:

- valorizar o produto do trabalho do homem no campo, realizando situações que envolvam sua promoção, através de seu desempenho;

- proporcionar um ensino de qualidade trabalhando com sua realidade cultural e sócio-cultural;
- informar e preparar o jovem para o mercado de trabalho de modo que ele possa perceber a importância do seu trabalho no meio rural e com isso sintá-se valorizado em viver esta realidade;
- oportunizar o jovem adulto que vive no campo a ter condições de desenvolver conhecimentos para valorizar a sua cultura, seu modo de vida e melhor acesso a educação.

Todos estes objetivos foram formulados no intuito de evitar a evasão escolar, também na educação de jovens e adultos, bem como o êxodo rural comumente encontrado em todas as regiões de trabalhos agrícolas.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Quando iniciei este trabalho de Especialização em Educação no Campo em setembro de 2009, na busca de experiências com educadores do campo, conheci a educadora Rayane Marques Nunes, professora de Educação para Jovens e Adultos (EJA) da Colônia Maria Luiza, estávamos participando de um encontro de professores da rede municipal de Paranaguá, onde conversamos sobre o trabalho que ela desenvolvia na colônia, me propus a ajudá-la, na intenção de reviver e enriquecer ainda mais a bagagem de conhecimentos, com isso colocar em prática o que estou aprendendo com este curso. A escola em que a professora Rayane leciona está situada na Colônia Maria Luiza e tem o nome de José Chemure, fica aproximadamente a 20 quilômetros de distância da cidade de Paranaguá, local em que abrange famílias de agricultores; os alunos que freqüentam a escola vêm de várias colônias vizinhas, a turma em estudo consta de 10 alunos, mas no total envolvidos no trabalho são muitos, pois seus familiares também participam das atividades citadas.

O trabalho que a professora Rayane desenvolve na Colônia Maria Luiza apresenta todas as necessidades e dificuldades do trabalhador do campo, estabeleceu-se assim uma proposta de cooperação mútua. Muito da agricultura é desenvolvida pelos filhos dos agricultores que dão continuidade ao trabalho da família, alguns destes não concluem os seus estudos, havendo a ruptura do ensino, mais tarde há a procura para ensino de jovens e adultos. Norma (feirante entrevistada) declarou que seus filhos escolheram continuar os seus estudos na cidade e assim tiveram uma perspectiva diferente de seus pais.

A educação de jovens e adultos (EJA) contribui com a formação do indivíduo como cidadão e dá a ele condições de ser uma pessoa ativa na sociedade capaz de conviver e interagir em nível de igualdade, permitindo que os jovens e adultos possam completar sua educação escolar, já que não tiveram esta oportunidade na idade condizente, capacitam os alunos para que compreendam e resolvam problemas e necessidades do meio em que vivem, preparando-os para o exercício da cidadania, inseridos na sociedade, percebendo-se parte integrante e atuante da mudança da história da sociedade em que vive.

Entendemos que para tudo acontecer é preciso motivação, empenho, e muita força de vontade, parcerias, voluntariados, neste artigo destaco dois personagens que certamente correspondem a tudo isso o padre José Miguel de Oliveira e a professora Rayane. Marques Nunes.

Conheci o trabalho do Pároco da Igreja Nossa Senhora do Rosário, igreja histórica aqui de Paranaguá, e logo percebi que ele usa uma ferramenta de grande valia no processo motivador de valorização para o pequeno agricultor desta região. O padre José, propiciou nos fundos da Igreja Matriz, a princípio, uma pequena feira de produtos agrícolas, para que o trabalhador do campo pudesse comercializar seus produtos, os mesmos produtos plantados, cultivados e colhidos por ele e pelos seus familiares. Sua iniciativa ofertou para ambas as partes, o meio rural e o urbano, a interação, percebendo-se diretamente que um precisa do outro para viver, que o campo produz para o consumo de toda a cidade, tudo isso não é possível notar

quando existe o comércio formal, neste caso o consumidor tem o contato direto com o produtor rural, o que proporciona esta ferramenta de relações, muito difícil de ser encontrada nos tempos de hoje. Passeando pela feira é possível perceber claramente duas realidades, distintas, mas ao mesmo tempo tão próximas e dependentes, onde não há diferenças nem discriminação, apenas uma relação harmoniosa.

Conversando com o Padre José Miguel, relatei a minha experiência do Curso e o quanto a sua ação de montar a feira familiar abriu caminhos a um amplo projeto; pedi a ele permissão de incluir em meu trabalho a sua iniciativa e com isso divulgar a feira na colônia Maria Luiza, para os alunos e familiares da professora Rayane, abrindo espaço para também esta comunidade participar deste movimento. Tendo conversado com a professora Rayane comunicamos a Comunidade da colônia, através de uma reunião informal com os alunos e alguns membros da comunidade, a iniciativa de usar como motivação a ação do padre José Miguel para que os produtos colhidos pelos alunos e familiares, fossem também comercializados na feira em Paranaguá.

A idéia foi tão bem aceita que na semana seguinte os alunos e familiares iniciaram a experiência, levando alguns de seus produtos para serem vendidos a feira que acontece todos os sábados pela manhã.

A professora Rayane sentiu então a necessidade de desenvolver em sala de aula atividades que envolvessem situações problemas com o uso da moeda corrente (contas de adição, subtração, divisão e multiplicação), também alguns conteúdos foram incluídos no currículo das aulas para atender as necessidades dos alunos, outros ainda reforçados, conforme a nova experiência vivenciadas pela nova realidade do grupo das quais cito:

- o uso ou não de agrotóxicos, bem como a forma correta de sua utilização;
- produtos plantados e sua época apropriada para o plantio;
- as vitaminas encontradas nas frutas e verduras;

- meio ambiente: tipos de solos, suas riquezas e o seu reaproveitamento e a sua proteção, não esquecendo dos seres vivos e suas contribuições para o equilíbrio ecológico da fauna e flora;

- a história das famílias mais antigas da colônia e suas origens, descobrindo assim a história dos primeiros habitantes da Colônia Maria Luiza.

A partir destes conteúdos a professora Rayane desenvolveu atividades interdisciplinares podendo ampliar seu processo de aprendizagem. Todo trabalho desenvolvido a partir desta experiência leva-me a comentar uma citação de Meire CAVALCANTE em uma entrevista para a revista Nova Escola “Misturar as disciplinas – já que no mundo elas estão separadas, integrar os alunos na vida escolar e usar a experiência em sala. Estas são algumas das chaves para você abrir as portas da escola àqueles que demoraram tanto para chegar até ela”. (2005:50).

Na entrevista feita com o Padre José Miguel e alguns feirantes, vivi uma experiência maravilhosa, coletando informações reais de feirantes e da população que frequenta e usufrui dos produtos, que agora já fazem parte permanente da mesa de muitos. São variados os produtos da feira, muitos relataram que as vendas de seus produtos são para o sustento e auxilia nos estudos dos seus filhos, como relata na entrevista feita com o senhor Pedro que relatou que com o lucro das vendas dos seus produtos plantados, ele conseguiu juntar dinheiro para comprar um pequeno caminhão, que serve para transportar os produtos até a feira e que também os seus filhos tiveram empenho em dar continuidade ao seu trabalho e com isso valorizando o trabalho no campo.

Não posso deixar de citar a entrevista feita com o Pároco da Igreja Nossa Senhora do Rosário, Padre José Miguel de Oliveira que relatou pelo qual motivo ele teve a iniciativa de realizar uma feira agrícola, no qual o seu testemunho da vivência teve a maior influência pelo fato de já ter vivido a sua infância no meio rural, e usar para a sua subsistência o fruto de seu trabalho no campo no interior de Pernambuco, chegando aqui e vendo as condições precárias do trabalhador do

campo, buscou informações junto a EMATER do município de Paranaguá, e assim conseguiu marcar uma reunião com os pequenos produtores da região.

Ao deparar-me com a preocupação do Pároco desta comunidade observei que esta situação tinha a ver com a fala de Maria Antonia Souza que diz:

“... a experiência coletiva gerada no movimento de Educação do Campo que aos poucos, indaga a lógica disciplinar e fragmentar do mundo escolar; além da racionalidade técnica e estratégia de muitos programas educacionais. É a prática coletiva, indaga a prática humana. A razão transformadora é alimentada com as inquietações que vêm do mundo e da vida.” (2009 p 304)

A minha inquietação, a da professora Rayane e a do Pe José gerou uma ação transformadora entre diferentes formas sociais unidas, criando alternativas criativas que colabora para a inclusão social.

CONSIDERAÇÕES

A opção por um tema que envolva o Meio Ambiente traz a necessidade de conhecimento e informação por parte de escola para que se possa desenvolver um trabalho adequado junto aos alunos, isso não quer dizer que o professor deva “saber tudo”, mas sim que deverá se dispor a aprender sobre o assunto, mais do que isso, transmitir aos seus alunos a noção de que o processo de construção e de produção do conhecimento é constante para ambos, assim contamos com uma ação conjunta o que às vezes não é bem recebida. No nosso caso uma das dificuldades encontradas foi tirar alguns dos membros ativos (da escola) do comodismo secular que envolve a comunidade, o sentimento de conformismo da situação, não procurando alternativas para um novo e melhor modo de viver. Dentre os obstáculos encontrados na realização deste trabalho observamos a resistência à adaptação às

formas corretas do plantio; cuidados com a terra, os produtos viáveis, a aceitação ao novo, aos cuidados ambientais que pedem a mudança aos hábitos e cuidados com o plantio e o uso do solo, ciclos da natureza, manejo e conservação ambiental, não podemos esquecer do que nos dita os parâmetros curriculares nacionais quanto ao meio ambiente e saúde “Os bens da Terra são um patrimônio de toda humanidade. Seu uso deve estar sujeito as regras de respeito às condições básicas da vida no mundo dentre elas a qualidade de vida de quantos dependem desses bens e do espaço do entorno em que eles são extraídos ou processados. Deve-se cuidar, portanto, para que esse uso pelos seres humanos seja conservativo, isto é, que gere o menor impacto possível e respeite as condições de sustentabilidade, de máxima renovabilidade possível dos recursos “(PCN.1997:49).

Com a realização deste trabalho constatou-se que o processo de conhecimento vai além do podemos imaginar, quebra barreiras, preconceitos e não se desgasta com a idade, ao contrário faz nascer novos sonhos, esperanças que a muito estavam escondidos pelo tempo; a valorização da pessoa humana vem através da informação e motivação de educadores que pensam como Paulo FREIRE “Não posso continuar sendo humano se faço desaparecer em mim a esperança”, educadores que estão preocupados com o ser, com a pessoa que vive e precisa ser conhecida onde quer que ela esteja e viva, para assim poder ser transformada e transformar, isso quer dizer, ser um agente verdadeiramente transformador, e ter a consciência plena da sua ação transformadora na sociedade.

Com a conclusão deste trabalho elaborado destacou-se a prática do educador, e a ação de um líder religioso, que preocupado com a realidade dos agricultores da região, não sabia a dimensão da sua atitude ao iniciar uma feira livre, em contra partida destaca-se a oportunidade que encontramos em obter esta parceria com os alunos da professora Rayane e a ação coletiva que a feira proporcionou aos mesmos.

Assim todas as ações acontecem quando os profissionais competentes tiverem consciência e boa vontade em desenvolver projetos, estudos e parcerias para o benefício e o bem estar da população.

“ Uma comunidade só se faz quando todos pensarem no desenvolvimento do país em que vive.”

ANEXOS

Figura 1: fotos de alunos em atividades;

Figura 2: fotos do Pe. José Miguel de Oliveira;

Figura 3: fotos da plantação de abacaxi de um dos alunos

Figura 4, 5 e 6: fotos da feira nos fundos da igreja Nossa Senhora do Rosário;

Entrevista com o Pe. José Miguel de Oliveira.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTE, M. O que dá certo na Educação de Jovens e Adultos. Revista Nova Escola. São Paulo. Agosto, 2005

FREIRE, P. “Nós Podemos Reinventar o mundo”. Revista Nova Escola. São Paulo. Novembro, 1993.

LDB, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei n. 9394. Brasília 20/12/1996.

PCN, Parâmetros Curriculares Nacionais, Meio Ambiente e Saúde, Brasília, 1997.

SOUZA, Maria Antônia de; Educação do Campo: A produção do conhecimento na Prática Coletiva.304f.2009. Artigo retirado do site:

<http://www.utp.br/cadernosdePesquisa>. Acesso em h.9:30 de 04/03/2011.

ANEXOS

Figura 1: alunos em atividades;



Fonte : NUNES,2010

Figura 2 : Pe. José Miguel de Oliveira;



Fonte: COELHO, 2011

Figura 3: plantação de abacaxi de um dos alunos;



Fonte: SILVA, 2010

Figura 4: feira nos fundos da igreja Nossa Senhora do Rosário;



Fonte: MORAIS, 2011

Figura 5: feira nos fundos da igreja Nossa Senhora do Rosário;



Fonte: MORAIS, 2011

Figura 6: feira nos fundos da igreja Nossa Senhora do Rosário;



Fonte: COELHO, 2011

Entrevista com o Pe. José Miguel de Oliveira

Simone C. Coelho – Qual foi o motivo que levou o Sr. a tomar a iniciativa de montar uma feira agrícola?

Pe. José Miguel - Nasci num ambiente agrário, no interior de Pernambuco, trabalhei na lavoura desde os quatro anos de idade. Nos finais de semana uma vez por mês meu pai colocava o produto da terra que produzia para vender na feira. Todas as cidades têm um dia de feira livre, o agricultor leva o seu produto e vende, sai dali e compra o produto que necessita para o sustento de sua família. Aos doze anos de idade, junto com o meu padrinho comecei a trabalhar na feira que vendia utensílios domésticos. Vindo à Paranaguá percebi que o agricultor não tinha espaço para vender o produto que plantava, uma feira. Comprei uma barraca de madeira no Mercado Municipal, onde vendia secos e molhados, trabalhei por um bom período. Retornei à Paranaguá, assumi a Catedral, quando saindo da rodoviária me deparei com um senhor que carregava um saco nas costas, que pesava mais ou menos 50 quilos, e lhe perguntei: - para onde o senhor vai?- ele respondeu: - vendo de casa em casa. E lhe perguntei: O senhor não pode para e vender o seu produto? Ele respondeu que era da Colônia Maria Luiza e pegava o ônibus que vinha da Praia de Matinhos e tinha que vender de casa em casa, porque a prefeitura não permitia que parasse em um lugar fixo. E eu perguntei se tinha EMATER em Paranaguá, o senhor respondeu-me que sim e me informou onde funcionava o escritório. Procurei o escritório da EMATER, lá perguntei se tinha uma associação de agricultores, informaram-me que sim, pedi que marcassem uma reunião com estas pessoas. Foram feitas várias reuniões, incentivando os agricultores para não saírem da terra, assim os filhos poderiam continuar o trabalho dos pais, com isso montariam uma feira para comercializarem seus produtos. Eu resolvi dar apoio, permitindo fazer a feira, nos fundos da Catedral. A EMATER estabeleceu de acompanhar e incentivar.

Simone C. Coelho – O Senhor tem outra idéia para ser colocada em prática relacionada a feira?

Pe. José – penso que seria possível transformar o produto da feira em comida alternativa, também com o acompanhamento da EMATER aproveitar o solo empobrecido criando tanque de viveiros de peixes. Também seria interessante para os artesãos expor e vender seus trabalhos juntamente com os agricultores.

Simone C. Coelho – Qual o seu sentimento em relação a feira?

Pe. José Miguel – é muito gratificante, não tem preço e nem como explicar, cuido da feira como se fosse um de meus filhos (pois tem várias obras na comunidade que se refere como filhos). Fico feliz em ver aos sábados a comunidade reunida, pois a feira congrega gente de todas as classes sociais e também de várias localidades da cidade, como se fosse um ponto de encontro de todos.